

ELEIÇÕES 98 Conversas preliminares de PT, PDT, PSB e PC do B avaliam hipótese de fusão dos partidos ideológicos de oposição

Eleição Presidencial

017 91

Esquerda já articula aliança permanente

PAULO MUSSOI *

A coligação nacional entre o PT e o PDT para a campanha eleitoral deste ano poderá se tornar definitiva a partir de 1999. Lideranças e teóricos dos dois partidos – e também das outras legendas que formam a coligação União do Povo Muda Brasil: PSB, PC do B e PCB – já discutem a manutenção da aliança com vistas às eleições para prefeito, no ano 2000. Nas conversas, ainda informais, até a fusão dos partidos de oposição numa única legenda – que teria um perfil de centro esquerda – já vem sendo considerada como uma possibilidade viável, a longo prazo.

“Não vamos esperar um dia depois das eleições para reunir todos os partidos e criar uma frente permanente para trabalhar as próximas eleições e quem sabe, iniciar um processo que pode culminar num partido único”, prevê Manoel Dias, presidente do PDT em Santa Catarina, um dos principais articuladores da atual coligação entre PT e PDT nos estados. “A manutenção da unidade com o PDT no plano do processo eleitoral é plenamente viável. Uma aliança definitiva não é um processo simples, mas o sucesso da aproximação entre Lula e Brizola já permite conjecturas desse tipo”, diz, mais comedido, o deputado Luiz Gushiken (PT-SP), coordenador da campanha de Lula.

Café da manhã – E as conjecturas, ultimamente, são frequentes. “Não é matéria para se tratar com profundidade em plena campanha, mas, na hora do café, o assunto sempre aparece”, reconhece o coordenador do programa de governo de Lula, Marco Aurélio Garcia, um dos mais influentes teóricos do PT. Há duas semanas, o futuro da aliança e a possibilidade de fusão foram os pratos principais de um almoço, numa churrascaria do Rio, em que estavam presentes Lula, Brizola, o candidato ao senado Saturnino Braga (PSB-RJ), Anthony Garotinho (PDT-RJ) e Benedita da Silva (PT-RJ), candidatos da coligação ao governo do Rio.

“Eu sou dos que vão defender a fusão a qualquer custo, antes mesmo das eleições do ano 2000. É a única alternativa viável para a esquerda brasileira”, defende Anthony Garotinho. “A consolidação da aliança será um objetivo que muita gente vai perseguir a partir de agora”, diz Saturnino Braga, que não crê em fusão, mas imagina uma “federação de partidos” como forma ideal para fortalecer as oposições. “Sonho que um dia tenhamos um partido congregando todas as oposições. E com certeza a caminhada nesse sentido será mais fácil do que a que tivemos para concretizar a aliança atual”, diz Benedita da Silva. Além da coligação para a presidência, PT e PDT acertaram suas alianças nas eleições para governador em 14 estados.

Independente do resultado das eleições, porém, Marco Aurélio Garcia acredita que o quadro político nacional em 1999 recomendará uma política mais consistente de aliança entre os partidos ditos de esquerda em qualquer circunstância. Prova disso é que o congresso nacional do PT, marcado para abril do ano que vem, deverá se pautar pelo tema. “Se vencermos as eleições para presidente, precisaremos garantir a governabilidade do país. Se perdermos, precisaremos garantir a formação de uma oposição forte. Neste caso, uma política mais orgânica de frente par-

tidária é muito oportuna”, diz.

Como bons modelos “orgânicos” que poderiam ser seguidos, o teórico petista cita dois exemplos vizinhos: a Frente Ampla uruguaia, “que é mais do que uma frente, e menos que um partido”, e a aliança de oposição que reuniu, na Argentina, o esquerdista Frepaso (Frente País Solidário) e a UCR (União Cívica Radical), de características mais ao centro. “No Brasil, uma união de centro-esquerda poderia contar, por exemplo, com figuras como Roberto Requião e Paes de Andrade”, exemplifica, citando dois famosos “descontentes” do PMDB. Requião luta para não perder no primeiro turno para Jaime Lerner na disputa pelo governo do Paraná e Paes está mais de dez pontos atrás de Luiz Pontes (PSDB), na disputa por uma vaga cearense no Senado.

Aliança – Há também quem defenda o fortalecimento da aliança por razões mais pragmáticas. A deputada Jandira Feghali, do PC do B, em tese não aprova a formação de uma frente definitiva. “Acho que uma unificação orgânica, além de complexa, é desnecessária”, diz. Mas teme o futuro das legendas pequenas depois da reforma política, que poderá ser aprovada nos próximos dois anos.

“Se a cláusula de barreira for aprovada, muitas legendas pequenas não terão como concorrer em eleições proporcionais. A não ser por meio de alianças”, teme a deputada. De acordo com a proposta que já tramita no Congresso sobre o assunto, um partido só poderá ter funcionamento parlamentar se obtiver em cada eleição para a Câmara dos Deputados no mínimo 5% dos votos apurados em pelo menos nove estados.

Mas a idéia, se colocada em prática, terá muita oposição, principalmente nos estados em que a coligação atual não deu certo – como São Paulo e Rio Grande do Sul, ou aqueles em que a aliança foi imposta pelas direções nacionais dos partidos – casos de Rio e Pernambuco. “Aliança definitiva é puro pragmatismo eleitoral. Alianças devem ser feitas de acordo com o cenário político de cada eleição. O PT não é um partido tradicional, como o PDT”, diz o deputado Milton Temer (PT-RJ).

Rejeição – “A aproximação definitiva do PT com o PDT, além de lenta, certamente provocará grande resistência da militância”, avalia, na mesma linha, a cientista política Maria Victoria Benevides. Também teórica do PT, Maria não é tão otimista quanto Marco Aurélio Garcia. “O partido ainda tem uma forte rejeição às práticas do velho trabalhismo”, avalia a pesquisadora.

Mas, mesmo entre os mais radicais integrantes do PT, não existe unanimidade na rejeição à idéia de uma aliança definitiva. O prefeito de Porto Alegre, Raul Pont (PT-RS), crê que a aproximação dos dois partidos, hoje, “é um processo bastante natural”.

Até Chico Alencar (PT-RJ), que liderou o movimento de revolta contra a imposição de Garotinho sobre Vladimir Palmeira (PT-RJ), vencedor da convenção do PT fluminense, reage com naturalidade à aliança definitiva. “Não concordo, mas respeito. Como já dizia Karl Marx, no Manifesto Comunista, uma aliança partidária deve sempre ser considerada. Só não pode ser imposta”, disse o vereador, que também é professor de história.

(*) colaborou George Alonso